

MEDALHAS COMEMORATIVAS DA EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL DE ANTUÉRPIA

1930

POR ARY DOS SANTOS

Em Abril de 1930, foi inaugurada, na importante cidade belga de Antuérpia, situada na margem direita do Escalda, uma exposição internacional, colonial, marítima e de artes flamengas, para comemorar o centenário da independência da Bélgica.

Portugal foi convidado a participar nessa Exposição, tendo a Marinha de Guerra Portuguesa desempenhado um papel, sob todos os pontos de vista, notabilíssimo.

O catálogo oficial da secção portuguesa foi elaborado sob a direcção de Armando de Freitas Cortezão, nosso commissário junto a essa Exposição Internacional.

A 8 de Abril desse ano, realizou-se, no Ministério da Marinha, uma exposição de uma parte da nossa representação marítima. O representante do sr. ministro da Marinha na Exposição de Antuérpia, comandante Jaime do Inso, fez, nessa ocasião, uma minuciosa e interessantíssima apresentação do que estava exposto.

Os «stands» portugueses foram muito apreciados. Citarei alguns deles:

— Sociedade de Geografia e Escola Superior Colonial;

-- Instituto Superior de Agronomia, Museu Agrícola Colonial, Laboratório de Tecnologia Colonial, Jardim Colonial, Escola de Medicina Veterinária, Escola de Medicina Tropical e Hospital Colonial.

Os «stands» das Universidades de Lisboa, Porto e Coimbra, deram a nota da nossa mentalidade como povo colonizador.

As medalhas das campanhas do Ultramar, as condecorações portuguesas, a acção da Marinha, os «stands» de Angola, Cabo Verde, S. Tomé, e Guiné, Moçambique, Índia, Macau e Timor, mostraram também o nosso valor como nação colonizadora.

Os «stands» dos serviços de saúde, com interessantes «maquettes», gráficos, quadros, fotografias, etc., deram a nota de valor da nossa assistência colonial.

Os «stands» do Porto e de um elevado número de empresas particulares revelaram a importância do nosso fomento ultramarino.

*

* * *

A medalha que se apresenta e reproduz é comemorativa não só da exposição, mas também do centenário da libertação da Bélgica.

Para melhor interpretação dessa medalha, é conveniente relembrar, embora em poucas palavras, factos fundamentais da história da Bélgica.

«Conquistada pelos romanos e reunida mais tarde ao império dos francos, foi dividida em muitos estados, depois de Carlos Magno, quase todos eles entrando na casa de Borgonha.

Em 1477, passaram esses estados ao poder de Maximiliano de Áustria, sendo, depois, legados por um neto deste, Carlos V, a seu filho Filipe II.

Luís XIV conquistou-a, sendo muito disputada a posse pela França, Holanda, Inglaterra e Áustria.

A cedência foi feita à Áustria, por deliberação tomada no tratado de Utrecht.

No tempo da República, a Bélgica foi incorporada na França.

Reunida à Holanda de 1814 a 1830, formaram ambas o reino dos Países Baixos.»

Em 1830, recuperou a sua independência, que no ano seguinte foi reconhecida pela conferência de Londres.

Passemos agora à descrição dessa medalha:

Medalha octavada, em BR., com o diâmetro de 80 mm.

Anverso: Legenda—No arco superior: WERELDTENTOONSTELLING VAN ANTWERPEN. e no arco inferior: EXPOSITION INTERNATIONALE D'ANVERS. O campo está dividido a meio por um friso, vendo-se, à parte superior deste, uma mulher desnudada, montada num cavalo hanoveriano, ostentando, como símbolo da abundância, uma cornucópia. No plano de fundo, vê-se, à esquerda, parte de um navio e, à direita, a vista da catedral de Anvers, igreja que rivaliza com os templos mais belos e que está enriquecida com pinturas dos maiores mestres belgas. No templo destaca-se o admirável Campanário, cons-

truído no século XV. Abaixo do friso e do lado direito a assinatura JOSUE DUPONT.

Na metade inferior, que está, por seu turno, dividida também a meio por um traço vertical, lêem-se, respectivamente, as seguintes inscrições: KOLONIEN — SCHEEPVAART — VLAAMSCHE KUNST, do lado direito; e do esquerdo: COLONIES — NAVIGATION — ART FLAMAND.

Reverso: O Deus do Escalda, cuja foz foi fechada em 1648, por virtude do tratado de Westfália, arruinando-se por completo o comércio do porto de Anvers.

Esta imagem simbólica está sentada e, em frente dela e de pé, um colonial, com indumentária própria, tocando uma trombeta, como que anunciando ao mundo a libertação da Bélgica. Ao fundo, visto do rio, um navio e em cima um avião. No exergo 1930.

*

* *

Pela secção Portuguesa foi distribuída, aos visitantes da Exposição, uma medalha, que adiante reproduzo e que tem uma história curiosa.

Essa medalha foi destinada à Exposição de Sevilha e o cunho executado pelo mestre João da Silva, por incumbência de Silveira e Castro. Este, não tendo acatado as indicações do escultor, mandou-a cunhar por pessoa de pouca competência, resultando daí o ter ficado a medalha em tal estado de imperfeição que não foi possível distribuí-la aos visitantes.

O cunho serviu para a medalha cuja reprodução se apresenta, tendo-se apenas acrescentado no exergo do reverso a seguinte inscrição: ANTUÉRPIA — 1930.

E assim se recorda o berço de pintores célebres, tais como: Jordaens, Quintino Matsays, Pedro Nerfs, Van Balen, Van Dyck e tantos outros, e do conhecido gravador Edelinck, de quem todos nós recordamos peças da maior beleza artística.

MEDALHA PORTUGUESA COMEMORATIVA DA EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL DE ANTUÉRPIA

Anverso: No campo, uma mulher com traje minhoto, apoia o braço esquerdo sobre um muro onde está colocado um cesto com uvas, como os que se usam para o Norte, e um cangirão. A figura tem o braço erguido,

deixando cair da mão flores. Na face do muro que olha para o observador, a inscrição: JOÃO DA SILVA — 1928. À esquerda do campo, a legenda: VISITAE — PORTUGAL.

Reverso: No arco superior da orla a legenda: ONDE A TERRA SE ACABA E O MAR COMEÇA. À esquerda do campo, a Torre de Belém. E entre esta e o começo da legenda, a inscrição, em três linhas horizontais: CAMÕES — CANT. III — EST. XX. Em cima, as quinas radiantes. Exergo: ANTUERPIA — 1930.

*

* *

Estas medalhas pertencem ao Museu de Marinha, onde o seu ilustre director, comandante Jaime do Inso, procura imprimir uma orientação que se adapte ao verdadeiro conceito que é hoje dado a um museu.

É bom frisar-se que, ao contrário do juízo, infelizmente ainda arreigado em certas camadas sociais, um museu, seja qual for a natureza específica das suas funções, não é, ou melhor, não deveria ser nunca, um depósito exclusivamente destinado à guarda de algumas raridades.

O seu conceito actual confere a esta instituição, muito justamente, a categoria de um centro de cultura, porque serve de incitamento e desempenha notável função educativa, exercendo, por isso mesmo, profunda influência social.

Tem por isso razão Paulo Rivet quando afirma: «Um Museu é um organismo encarregado de recolher, de restaurar, de proteger, de classificar, de estudar e de apresentar os produtos da actividade humana em todos os seus domínios (...)» Só assim os museus podem ser «considerados como fontes imparciais de informação científica», como quer Gebhardt.

O interesse pela medalha é função do seu valor artístico e da sua inteligente representação simbólica. Ora estes dois factores essenciais nem sempre se conjugam porque, em geral, a maioria dessas medalhas são cunhadas com um objectivo meramente mercantil, revelando, por vezes, ausência de espírito criador artístico.

Alguém disse, e com felicidade, que a interpretação de uma medalha, quando satisfaz às características requeridas, equivale à leitura do trecho de um bom livro.

A medalha terá tanto maior valor quanto à sua raridade mais se aliarem as circunstâncias de uma perfeita composição plástica, as alusões alegóricas, simbólicas, mitológicas e heráldicas, tudo num conjunto de equilí-

brio perfeito, que nos dê a nitida compreensão dos factos ou das personagens que a peça pretende perpetuar, comemorar, ou homenagear. Isto, evidentemente, não está ao alcance de todos, mas somente daqueles que nos seus trabalhos têm uma técnica perfeita, servida por uma sólida cultura geral e o nítido sentido das proporções artísticas.

Nomes como Barré, Brée, Brenet, Caunois, Caqué, Chantry, Depauls, Dioz, Dubois, Gatteaux, Gerard, João da Silva, Halliday, Loos, Louis Br., Millis, Montagni, Norte de Almeida, Nyon, Petit, Reich, Rouw, P. Sagão, Webb e tantos outros, dão aos estudiosos a garantia de composições equilibradas, de elevado sentido artístico e histórico, que auxiliam a fixar os factos ou os homens a que elas dizem respeito.

O ilustre director do Museu de Marinha não deseja fazer descrições meramente lacónicas dos exemplares expostos, mas espera também tomá-los como motivo de transmissão dos factos que essas peças simbólicamente representam.

Assim; pensa, a cada descrição, tão completa quanto possível, fazê-la seguir, sempre que nisso se reconheça utilidade, duma notícia, duma narrativa, ou dum resumo histórico, que aluda aos factos ou personagens a que as medalhas digam respeito.

Com esta orientação procura o comandante Jaime do Inso, atingir dois objectivos: a vulgarização da medalha, traduzida nos seus próprios módulos, e contribuir para a função educativa do Museu de Marinha, dentro da concepção já referida.

12 de Dezembro de 1954.

MEDALHAS COMEMORATIVAS DA EXPOSIÇÃO
INTERNACIONAL DE ANTUÉRPIA, 1930



